

PENSANDO NOVOS ATORES NO MUNDO

THINKING NEW ACTORS IN THE WORLD

SOUZA, Sebastião Perez¹
FARIA, José Roberto²
LIMA, Wendell Teles de³
OLIVEIRA, Ana Maria Libório⁴
LACORTT, Marcelo⁵
FERREIRA, Daniela da Silva⁶

RESUMO: A história da geopolítica registra muitas mudanças dos seus atores e na atualidade já se faz prudente a correção do quadro das superpotências mundiais. O século XXI será marcado pela acomodação de um novo Player que chega para incomodar as atuais potências ocidentais. Este trabalho visualiza entender as mudanças globais provocadas pela chegada de mais uma potência que busca a reorganização do tabuleiro geopolítico e sua possível liderança de protagonismo, sendo uma pesquisa bibliográfica para o entendimento do quadro analisado, fenômeno geopolítico global, ascensão da Rússia e da China brigando e se unindo ao mesmo tempo pela liderança global, sendo necessário o ajustamento desses países no mundo.

Palavras-chave: Potência mundial, Novos atores, Geopolítica.

ABSTRACT: This work visualizes understanding the global changes in the world, with the possible leadership of protagonism in the world, and the emergence of new global authors, being a bibliographical research for the understanding of the global geopolitical

¹ Professor da SEDUC - AM, especialista em Psicopedagogia, graduado em Pedagogia.

² Assessor de Relações Internacionais, Mestre em Sociedade e Cultura da Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas, especialista em Relações Internacionais e Geopolítica da Pan Amazônia pela Universidade Estadual do Amazonas.

³ Libras; Pós-Doutorado em Geografia; Professor da UEA.

⁴ Professora do Iifbr, Doutora em Ciências da Educação, especialidade Educação Matemática pela Universidade do Minho em Portugal, Mestre em Estudos Amazônicos pela Universidade Nacional de Colômbia - UNAL/CO (2010), Título revalidado pela Universidade Federal do Amazonas equivalente ao Título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia. Especialista em Docência do Ensino Superior - UCAM/RJ (2003) e Graduada em Licenciatura em Ciências e Licenciatura em Matemática pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araxá/UFU- MG (1999). Pesquisadora, Vice-líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Sociedade - NEPECS-IFG/CNPQ, membro dos Grupos de Pesquisas: Estudos Geográficos - GPEG-UEA/CNPQ; Matemática, Educação e Sociedade IFB/CNPQ e do Centro de Investigação em Educação CIEd-UMINHO. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília - Campus Estrutural. Atuando na Formação dos Cursos de Engenharia, Tecnologia e Licenciatura, promovendo as Tendências no Ensino da Matemática.

⁵ Possui graduação em Matemática pela Universidade de Passo Fundo (2008); Mestrado em Engenharia pela Universidade de Passo Fundo (2011). É professor de matemática do Instituto Federal Sul-rio-grandense - Campus Passo Fundo (RS).

⁶ Graduada em Ciências Biológicas.

phenomenon, the rise of Russia and China fighting for leadership global, requiring the adjustment of these countries in the world.

Keywords: World power, New actors, Geopolitics.

INTRODUÇÃO

Procurando uma Nova Ordem Mundial, ou seja, a busca de uma nova liderança mundial no lugar da ordem norte americana no mundo, tenta-se substituir o novo autor mundial, que surge para além do Mundo Ocidental.

A análise da conjuntura internacional contemporânea e o estudo das transformações mundiais da segunda metade do século XX nos levaram a uma longa viagem no tempo, até as origens do “sistema mundial moderno”,¹ com o objetivo de compreender suas tendências de longo prazo. Partimos das “guerras de conquista” (CONTAMINE, 1992) e da “revolução comercial” (PIRENNE, 1982; LOPEZ, 1976; SPUFFORD, 2002; LE GOFF, 2004) que ocorrem na Europa nos séculos XII e XIII para chegar à “transição para o capitalismo”, de Marx (1995), e ao “longo século XVI” (1450- 1650), de Braudel (1987a), Wallerstein (1974) e Arrighi (1994), quando se formam os Estados e as economias nacionais e se inicia a vitoriosa expansão mundial dos europeus (ABERNETHY, 2000; FERRO, 1994). Como é sabido, na Europa – ao contrário dos impérios asiáticos –, a desintegração do Império Romano e, depois, do Império de Carlos Magno provocou uma fragmentação do poder territorial e um desaparecimento quase completo da moeda e da economia de mercado entre os séculos IX e XI (ELIAS, 1994). Mas essas desintegração política e atrofia econômica se reverteram nos séculos XII e XIII (ABU-LUGHOD, 1993), quando começaram os processos de centralização do poder territorial e de mercantilização da economia (BRAUDEL, 1996a), que culminaram com a formação dos “Estados-economias nacionais” (FIORI, 2004) europeus. 2 Essa “pré-história” do “sistema mundial moderno” oferece um ponto de observação privilegiado das relações iniciais entre o poder, o dinheiro e a riqueza que se tornaram a especificidade e a grande força propulsora do “milagre europeu”. O estudo dessa “pré-história”, entretanto, nos levou a algumas conclusões que diferem – às vezes – dos autores pelos quais partimos (FIORI, 2010, p. 131-132).

Tendo em vista a busca de uma possível decadência norte-americana de sua economia, surgem candidatos no mundo começando pelos países ditos emergentes como a China e a Rússia no momento que se apresentam como os principais autores, no entanto, existem outros países que pretendem assumir a liderança norte-americana, como o caso do Brasil, que tem desse ponto de vista menor relevância geopolítica no mundo,

Com o término da Guerra do Paraguai, o Exército adquiriu projeção na vida política nacional. O positivismo trouxe substância a essa projeção e sua doutrina ajudou a estruturar o pensamento militar que se formava.

Pensamento militar esse que se impôs na vida nacional com a Proclamação da República. Todavia, esta determinação foi efêmera, já que se viu derrocada pela infeliz campanha militar em Canudos, o que abriu espaço para a sua contestação e posterior derrota pelas elites oligárquicas, em especial, a paulista e cafeeira, que conduziram os negócios do Brasil durante a República Velha (FERREIROS, 2007, p. 50; TREVISAN, 1985, pp. 18-19). Mas com a Revolução de 1930, resultado do posicionamento da juventude militar na década anterior, o Exército volta ao proscênio do cenário nacional e infunde por meio século seu pensamento na condução do país (BARCELLOS, 2020, p. 172).

Abaixo na tabela observamos que o Brasil desponta como uma das principais economias do mundo (12º em 2020).

Ranking das maiores economias do mundo

Posição 2020	País	Projeção 2021	País
1	EUA	1	EUA
2	China	2	China
3	Japão	3	Japão
4	Alemanha	4	Alemanha
5	Reino Unido	5	Reino Unido
6	Índia	6	Índia
7	França	7	França
8	Itália	8	Itália
9	Canadá	9	Canadá
10	Coreia	10	Coreia
11	Rússia	11	Rússia
12	Brasil	12	Austrália
13	Austrália	13	Brasil
14	Espanha	14	Espanha

Fonte: Austin Rating/FMI

Fonte: [G1.globo.com/economia/noticia/2021/04/06/brasil-deve-cair-para-13a-posicao-entre-maiores-economias-do-mundo-este-ano-](https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/04/06/brasil-deve-cair-para-13a-posicao-entre-maiores-economias-do-mundo-este-ano-).

Portanto no âmbito do mundo alguns países buscam a projeção internacional, o Brasil, apesar dos “problemas”, tem a pretensão de ter destaque internacional.

O Brasil, no começo do século XXI, começou a aparecer no palco mundial, mas suas regiões interioranas continuam isoladas umas das outras e mesmo sendo uma potência emergente ainda está longe de ser um player de gravidade mundial.

Nessa busca de posição em destaque de ser potência mundial, temos o resquício da Segunda Guerra Mundial, que remete atualmente aos aliados do final da Guerra, como a Rússia e a China. A ascensão da China pode ocorrer pacificamente sob a

hegemonia dos Estados Unidos? Predominantemente, as respostas a esta pergunta dependem da teoria da Transição de Poder. A maioria dos teóricos da Transição de Poder previu que a ascensão da China seria conflituosa. Há cerca de 200 anos, Napoleão Bonaparte advertiu que o mundo deveria “deixar a China dormir; quando ela acordasse, abalaria o mundo.” Uma vez que o mundo de hoje é dominado pela hegemonia dos Estados Unidos, abalar o mundo significa abalar os Estados Unidos (ALLISON 2017, CHAN, HU E HE 2018, KUGLER E ORGANSKI 1989, WANG 2018, YODER 2019) (GWADABE; SALLEH, 2020, p. 132-133).

A briga pela disputa mundial, como vimos, gira em torno da Rússia e principalmente da China, que tenta se estabelecer como o país líder, no lugar dos norte-americanos, tendo em vista que novas configurações geográficas se formam no mundo, como os BRICS, que é um agrupamento de países de mercado emergente em relação ao seu desenvolvimento econômico. Trata-se de um acrônimo da língua inglesa que é geralmente traduzido como "os BRICS" ou "países BRICS" ou, alternativamente, como os “Cinco Grandes” tentando elaborar uma nova ordem mundial.

Metodologia

Trata-se de um trabalho bibliográfico, para se entender o espaço mundial.

Para se entender os países do Oeste na busca de uma hegemonia global

Sendo a China um dos países em que se propõe uma Nova Ordem Mundial, na busca de nova ordem global, diferente do Japão, ela procura ter um novo protagonismo no mundo.

O boom econômico da China nas três últimas décadas, apesar de estar perdendo fôlego nos últimos anos, tem fascinado muitos e provocado uma gama extensa de reflexões sobre como uma potência econômica está dando novas formas aos modelos de desenvolvimento de outras economias do sul global. Há variadas análises que buscam retratar o crescimento chinês como uma antítese ao Consenso de Washington, e muitos veem a China como um exemplo de modelo de desenvolvimento alternativo que poderia ser replicado em outros países em desenvolvimento. Ao mesmo tempo, muitos preveem que a China irá desafiar a dominação geopolítica dos Estados Unidos e criar uma nova ordem política na Ásia e até mesmo no mundo (HUNG, 2018, p. 3).

Antes de falar sobre o nosso primeiro player é bom recordar a história desde o nascimento dessa civilização, que ocorreu na região conhecida como Planície do Norte da China, que os mongóis chamam de Planície Central. O país conta com uma grande extensão de terra no nível do mar de quase 415 mil quilômetros quadrados, situando-se abaixo da Mongólia Interior, ao sul da Manchúria, na bacia do rio Amarelo e, ao redor

dela e, para baixo, além do rio Yangtzé, rios que correm de leste para oeste. Sendo hoje com certeza uma das áreas mais densamente povoadas do mundo. Essa área central é o núcleo de gravidade político, cultural, demográfico e – sobretudo – agrário da China. Aproximadamente 1 bilhão de pessoas vive nessa parte da China, em termo de comparação ela tem exatamente a metade do tamanho dos Estados Unidos, que possui uma população de 322 milhões de habitantes.

Segundo Tim Marshall (2017), a China escolheu a mesma estratégia que a Rússia: o ataque como defesa. Olhando para seu mapa veremos que há barreiras naturais que, se os Han (povo dominante hoje no território e na economia) pudessem alcançá-las e estabelecer seu controle, iriam protegê-los. Foi uma luta ao longo de milênios, só plenamente concluída com a anexação do Tibete em 1951.

Na remota história chinesa da época do famoso filósofo chinês Confúcio (551-479 a.C.), havia um forte sentimento de identidade chinesa e de diferença entre a China civilizada e as regiões bárbaras que a cercavam. Esse sentimento de identidade era compartilhado por sua grande maioria populacional de cerca de 60 milhões de pessoas.

A pressão dessa imensa população da China, em sua maior parte hoje aglomerada na área central, está procurando formas de se expandir. Igualmente como fizeram os americanos nos séculos passados, os chineses também se voltam para o oeste, e, assim como os colonos europeus, foram levados para as terras dos comanches e dos navajos.

Outro assunto que sempre está em pauta nos países ocidentais é sobre a resistência do Partido à democracia e aos direitos individuais. Esse assunto é muito delicado para os chineses pelo simples fato que se fosse dado à população o direito de votar livremente, a unidade dos Han poderia começar a rachar, ou, mais provavelmente, a zona rural e as áreas urbanas entrariam em conflito. Esse fato poderia incentivar o povo das zonas de proteção a questionar a supremacia dos Has. Ainda é muito recente o que ocorreu, apenas um século da humilhação da China, arrasada por potências estrangeiras, e Pequim tem a unidade e o progresso econômico como prioridades que estão muito à frente dos princípios democráticos pregados pelo Ocidente. Diferente dos países ocidentais, os chineses vêem a sociedade de modo muito diverso de como o Ocidente a encara. O pensamento ocidental está embasado no individualismo e liberdade, já o pensamento chinês valoriza o coletivismo acima do individual. A forma como o Ocidente concebe como direitos do homem a liderança chinesa vê como teorias perigosas que

ameaçam a maioria, e grande parte da população chinesa aceita a ideia de que a família vem antes do indivíduo. Atualmente a China se encontra numa sinuca. Por um lado, precisa manter a industrialização à medida que se moderniza para elevar o padrão de vida de sua imensa população, mas por outro lado esse mesmo processo ameaça a produção de alimentos interna. Seu grande medo nesse momento histórico é resolver esses dois problemas, evitando, assim, maiores descontentamentos de sua população.

Historicamente os chineses foram grandes viajantes marítimos, especialmente no século XV, quando percorriam o Oceano Índico, o exemplo máximo disso foi a expedição do almirante Zheng He, que se aventurou até o Quênia. Mas aqueles eram exercícios para ganhar dinheiro e não projeções de poder como se vê nos dias atuais. Hoje a ordem é para criar bases avançadas para apoiar operações militares.

Passando 4 mil anos turbulentos consolidando sua massa territorial continental, a China agora está empenhada em desenvolver uma Marinha de Águas Azuis. A Marinha de Águas Verdes patrulha as costas marítimas, a Marinha de Águas Azuis patrulha os oceanos. Segundo cálculos dos estrategistas ocidentais, a China levará mais trinta anos (mantendo-se constante a evolução econômica) para construir infraestrutura de uma potência naval capaz de desafiar e enfrentar qualquer força marítima internacional.

Em curto a médio prazo, a medida que constrói e treina essa armada, ela se prepara para entrar em choque com seus rivais nos mares e a forma como esses choques serão administrados especialmente pelos americanos e aliados definirá a política das grandes potências neste século.

A consequência disso é que pouco a pouco os chineses colocarão mais navios nos mares ao largo de sua costa e avançarão pelo Pacífico. Em cada lançamento de navio menos espaço haverá para os americanos nos mares chineses, uma conta que os Estados Unidos sabem muito bem como termina, e também sabem que a China vem trabalhando pesadamente para construir um sistema de mísseis antinavios para dar suporte em proteger sua costa.

Esse crescente poder de fogo da artilharia chinesa na costa, sendo capaz de atingir navios a uma distância cada vez maior, permitirá à sua próspera Marinha aventurar-se cada vez mais longe do litoral, incomodando e empurrando outras marinhas que fazem fronteira com ela. Um fato curioso relatado por Tim Marshall em seu livro *Os prisioneiros da Geografia* (2017) foi o ocorrido em setembro de 2015, quando os chineses manobraram cinco navios pelas águas territoriais americanas ao largo da costa do Alasca

sem dar a mínima aos americanos, mostrando que estão se aventurando cada vez mais em águas antes nunca navegadas. A grande questão hoje colocada à China é o fato de que ela precisa proteger as rotas através do mar da China Meridional para que suas mercadorias cheguem aos mercados ocidentais e para que também consiga ser abastecida pelos itens que são dependentes, como petróleo, gás, metais preciosos e alimentos que consigam chegar ao seu território com segurança.

Esse fato causa bastante preocupação ao governo chinês e ele não pode se permitir sofrer bloqueios. Diplomacia é uma solução, mas cada vez mais a Marinha está se tornando instrumento de garantia disso acontecer.

Diplomaticamente, estamos vendo a China tentando afastar as nações do Sudeste Asiático e da África dos Estados Unidos. Robert Kaplan, que escreve sobre Geopolítica, faz a comparação falando que o mar da China Meridional é para os chineses no século XXI o que o Caribe foi para os Estados Unidos no início do século XX.

É muito clara a intenção de a China querer se tornar uma potência com dois oceanos (Pacífico e Índico). Para conseguir isso, ela vem investindo maciçamente em portos de águas profundas em Mianmar, Bangladesh, Paquistão e Sri Lanka, transformando esses investimentos em boas relações diplomáticas, é possível que no futuro próximo a Marinha venha a construir bases para sua armada nesses locais.

A ascensão da China força a construção ou remodelação de uma nova ordem mundial, apesar de ter problemas internos, o país se volta para o mundo e exige seu lugar na mesa da partilha com outras grandes potências ocidentais.

A Rússia, outro player desse trabalho, não é considerada nova na história da geopolítica, trata-se de um país continental que tem 15.539.928 quilômetros quadrados de extensão e onze fusos horários; é o maior país do mundo. Seu imenso território tem florestas, lagos, rios, a tundra congelada, a estepe, a taiga e as montanhas em grandes quantidades. Só para termos noção desse tamanho, mesmo no século XXI, leva-se ao menos seis dias para atravessá-la. Churchill em 1945 fez um comentário muito perturbador desse gigante continental: “Estou convencido de que não há nada que eles admirem tanto quanto a força, e não há nada por que tenham menos respeito do que a fraqueza, especialmente a fraqueza militar.” Hoje vemos ela invadindo outros países, mas não imaginamos que na sua história também já foi invadida diversas vezes. Para efeito histórico, nos últimos quinhentos anos eles foram invadidos cinco vezes, sendo na maioria pelo Oeste. Primeiro os poloneses, que chegaram através da planície do norte da Europa

em 1605, depois pelos suecos sob Carlos XII em 1708, mais tarde pelos franceses sob comando de Napoleão em 1812 e, por último, pelos alemães, nas duas guerras mundiais, em 1914 e 1941.

Desde então, os russos passaram a observar ansiosamente e com preocupação as movimentações da Otan, que vem incorporando países que, segundo a Rússia, já fizeram parte do seu império e haviam lhes prometido que não se associariam à entidade no passado recente, como, por exemplo: República Tcheca, Hungria e Polônia em 1999; Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia e Eslováquia em 2004 e Albânia em 2009.

A Rússia, como todas as grandes potências do século XXI, tem sua estratégia de segurança pensando nos próximos cem anos e compreende que dentro desse intervalo qualquer coisa pode acontecer. Países como a China e Rússia buscam cada vez mais espaço e liderança, mas sabem que enfrentam problemas internos em seus territórios.

O advento da globalização, o avanço das comunicações e da tecnologia da informação permitiram as alterações da Nova Ordem Mundial. No entanto, o aumento do orçamento militar de russos e chineses deixa claro que o uso da força bélica ainda é uma opção viável na disputa geopolítica. Assim, Rússia e China intencionam ultrapassar o status quo de potência regional para atingir níveis de dominância global, por meio da utilização de qualquer ferramenta geopolítica. Nesse sentido, é premente o surgimento de disputas em diversos campos de poder e em todos os quadrantes do globo, em que russos e chineses tentarão conquistar novos parceiros políticos, estabelecerem novas relações econômicas, dissuadirem adversários pela força militar e alterar valores culturais consolidados principalmente nas áreas de esfera de influência do bloco ocidental (CASTRO, 2020, p. 13).

A Rússia e a China lutam para ser protagonista no mundo, e esses países tendem a ter atitude geopolítica no mundo, ou seja, criando a ação e as atitudes de uma potência mundial, como o aumento de seu poder bélico.

Além dos problemas internos esses países devem amenizar as arestas mundiais, ou seja, mesmo com o seu passado histórico relacionado com a Segunda Guerra Mundial, esses países cada vez mais buscam novas parcerias com outros atores mundiais, o exemplo disso é o BRICS, como comenta Paula Álvares (2020):

A aproximação sino-russa ganha cada vez mais relevância no debate geopolítico e de relações internacionais em geral. Tal parceria vem gerando a percepção de ameaça por parte dos Estados Unidos, em relação à sua supremacia global, e é um elemento importante das transformações que vêm ocorrendo no mundo neste início de século

XXI. Tal reaproximação, que se iniciou timidamente ainda na década de 1990, avançou a partir do primeiro mandato do Presidente Vladimir Putin, através do Tratado de Boa Vizinhança, Amizade e Cooperação (2001). Depois, ao longo da primeira década do século XXI, liderou importantes iniciativas como a Organização para Cooperação de Xangai (OCX) e a formação do grupo BRICS.

Entretanto, foi a partir do segundo decênio que a parceria alcançou outro patamar, resultante de sucessivos acontecimentos que aumentaram a percepção de ameaça vinda do ocidente. Para a China, o novo pivô asiático anunciado pelo então presidente estadunidense Barack Obama representava uma clara tentativa de contenção ao seu crescimento e influência na Eurásia. Do lado russo, a crise com a Ucrânia e as sanções econômicas e pressões estadunidenses e europeias dela decorrentes, reascenderam o sinal amarelo com relação à confiabilidade das relações com o ocidente e às vulnerabilidades econômicas e monetárias. Assim, as hostilidades estadunidenses em relação à China e à Rússia contribuíram para uma reação, que impulsiona a atuação cada vez mais coordenada entre as duas potências, nos âmbitos bilateral, regional e global. No palco principal dessa disputa está a influência sobre a Eurásia (2020, p. 197).

Na busca de um novo protagonismo no mundo, a Rússia e China tentam se reestruturar no mundo, com isso é necessária a criação de alianças no mundo como a OTAN. No final do século passado, depois de uma expansão excessiva, o gasto de mais dinheiro que o disponível, a economia desordenada numa terra não destinada às pessoas e a derrota nas montanhas do Afeganistão levaram à queda da URSS. O Império Russo encolheu de volta para aproximadamente a forma que tinha na era pré-Lenin, com suas fronteiras europeias terminando na Estônia, Letônia, Bielorrússia, Ucrânia, Geórgia e no Azerbaijão.

A anexação da Crimeia em 2014 mostrou como a Rússia está preparada para a ação militar com o objetivo de defender o que vê como seus interesses no que chama de “exterior próximo”. Segundo Tim Marshall (2016), o presidente Putin é um estudioso de história e ele parece ter aprendido as lições do passado quando a Rússia se expandiu excessivamente e foi forçada a se retrair. A Rússia continuará a promover seus interesses nos países bálticos porque eles são um dos elos fracos em sua defesa desde o colapso da URSS.

As armas mais poderosas da Rússia, atualmente, não são só os mísseis nucleares e suas forças armadas, mas também o gás e o petróleo que jorram das suas torneiras. O país só fica atrás dos Estados Unidos como maior fornecedor de gás natural do mundo, além de saber usar essa arma como instrumento de poder em seu proveito.

Apesar de historicamente serem concorrentes, os dois gigantes também cooperam um com o outro em vários níveis. Moscou vem adotando um novo plano sabendo que os europeus têm a ambição de se verem livres da dependência da energia russa a longo prazo, está olhando para a China como cliente alternativo. A partir de 2019, a Rússia fornecerá à China 38 bilhões de metros cúbicos de gás por ano, via Sibéria, num negócio de US\$400 bilhões em trinta anos.

É passado o fato em que a Rússia era considerada uma ameaça militar para a China. A ideia de tropas russas ocupando a China ou vice-versa é inconcebível, embora os dois países mantenham o olhar cauteloso um sobre o outro, mas na atualidade eles tendem a ficar cada vez mais próximos, se assim desejarem os chineses, esse sim está redesenhando uma nova ordem mundial escrita conforme seus interesses.

BIBLIOGRAFIA

ALVARES, Ticiania de Oliveira; PADULA, Raphael. A parceria sino-russa e a disputa pela Eurásia: Imperativos geopolíticos e alianças conjunturais pelo controle do continente basilar. **Geosul**, Florianópolis, v. 35, n. 77, p. 196-222, dez. 2020.

BARCELLOS, João Miguel Villas-Bôas. O pensamento militar no projeto Brasil Grande Potência. **Revista da Escola Superior de Guerra**, v. 35, n. 73, p. 171-196, jan./abr. 2020.

BERTAZZO, Juliana. Atuação da OTAN no Pós-Guerra Fria: Implicações para a Segurança Internacional e para a ONU – vol. 32, no 1, **Contexto Internacional** – v. 32, n. 1, jan./jun. 2010.

CASTRO, Marcus Vinícius Guimarães Monteiro de. **A atual projeção do bloco russo-chinês e a Nova Guerra Fria**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2020.

Kagan, Robert. **Dangerous Nation: America and the World, 1600-1898**. Londres, Atlantic Books, 2006.

FIORI, José Luís da Costa. PREFÁCIO AO PODER GLOBAL, **Revista Tempo Do Mundo**. rtm. v. 2, n. 1. abr. 2010.

GALVÃO, Olímpio J. de Arroxelas. Globalização e mudanças na configuração espacial: da economia mundial uma visão panorâmica das últimas décadas, **R. Econ. contemp.**, Rio de Janeiro, 11 (1): 61-97, jan./abr. 2007.

Revista Geopolítica Transfronteiriça, v. 1, n. 1 jul. 2022. ISSN: 2527-2349

GASPAR, Ricardo Carlos. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos, **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 17, n. 33, pp. 265-296, maio 2015.

GWADABE, Nasa'i Muhammad; SALLEH. O Declínio Hegemônico Dos Estados Unidos E A Crescente Influência Da China: Uma Perspectiva Crítica Sobre A Teoria Da Transição De Poder No Século Xxi, **Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais**. ISSN 2238-6912 | ISSN 2238-6262| v.9, n.18, jul./dez. 2020.

HUNG, Ho-fung. A ascensão da China, a Ásia e o Sul Global, **Rev. Econ. Contemp.**, v. 22, n. 1, p. 1-26, jan./abr. 2018: e182213

LASTRES, Helena M. M. Informação e conhecimento na nova ordem mundial, **Informação e conhecimento na nova ordem mundial**, 1999.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da geografia**. Os 10 mapas que explicam tudo que você precisa saber sobre política Global. 22451-041 Rio de Janeiro, RJ.2016.

PINTO, Paulo A. Pereira. O Ressurgimento da influência cultural chinesa e as oportunidades oferecidas ao Brasil. **História Actual Online**. 2005.

Revista Geopolítica Transfronteiraça, v. 2, n. 4, n. ° 26, 2022, pp. 12-12 .ISSN: 2527-2349.